

3. Filhos da parentalidade tardia: transição e planejamento futuro de jovens adultos

Resumo

O presente estudo tem como objetivo investigar a repercussão da parentalidade tardia na vida adulta dos filhos, sob a percepção dos mesmos. Foram realizadas entrevistas com seis sujeitos, entre 25 e 29 anos, sendo dois casados e quatro solteiros, sem filhos, que nasceram quando ao menos um de seus pais tinha mais de 40 anos. A partir da análise de conteúdo do material obtido, emergiram as categorias: *saída de casa; preocupações filiais e expectativas parentais; planejamento de futuro*. Todos os participantes relataram dificuldade na saída da casa dos pais, seja por parte deles ou de seus ascendentes. As preocupações dos filhos tardios configuram-se em torno da saúde e solidão dos pais, e o relacionamento e a felicidade dos mesmos. Nos planejamentos futuros, aparece o desejo de formar família e de ter mais de um filho, em tempo dos pais poderem participar e conviver com os futuros netos.

Palavras-chave: parentalidade tardia; jovens adultos; transição; preocupações; expectativas; planejamento.

Abstract

The present study aims to investigate the repercussion of late parenting in the adult life of the children, under their perception. Interviews were conducted with six subjects, between 25 and 29 years old, two of them married and four unmarried, without children, who were born when at least one of their parents was over 40 years old. From the content analysis of the obtained material, the following categories emerged: *leaving home; filial concerns and parental expectations; future planning*. All participants reported difficulty in leaving their parents' home, either by them or their parents. The preoccupations of the late children are based around the health and loneliness of the parents, and the relationship and the happiness of the same ones. In future plans, the desire to form a family and to have more than one child appears in time for parents to participate and live with future grandchildren

Key words: late parenting; young adults; transition; concerns; expectations;

planning.

A família é um sistema emocional composto por mais ou menos quatro gerações (Carter e McGoldrick, 1995). A parentalidade surge dos desejos advindos das experiências primárias e parentais vividas por cada membro do casal e das heranças psíquicas recebidas por eles. As histórias individuais, entrecruzadas na conjugalidade, dão origem à nova estrutura construída pelos psiquismos próprios. Assim, a conjugalidade e a parentalidade constituem o psiquismo familiar, possibilitando a transmissão psíquica geracional, que inclui elementos da história das gerações anteriores, seus valores socioculturais, mitos e, principalmente, seus conflitos (Féres-Carneiro & Magalhães, 2011).

O adiamento da parentalidade, cada vez mais comum na sociedade contemporânea, é um fenômeno marcado por diversos atravessamentos socioculturais e também favorecido por avanços tecnológicos, em especial os relativos à reprodução assistida, que possibilitaram o aumento da fertilidade tardia. É possível pensá-lo tanto a partir do adiamento da parentalidade quanto da retomada do projeto parental, em virtude do aumento do número de recasamentos na sociedade contemporânea. Diversas outras transições no ciclo vital têm também sido adiadas, incluindo o ingresso na vida adulta. Destacam-se ainda a prolongada coabitação com os próprios pais, o longo caminho acadêmico, marcado pela necessidade de mais especializações, que dificulta a entrada no mercado de trabalho e a consolidação da estabilidade financeira, e as uniões conjugais mais tardias. Considerando que o sujeito é produto das heranças vivenciadas no interior de sua família, mas também daquela que ele recebe do contexto familiar em que está inserido no momento de seu nascimento e desenvolvimento, torna-se importante pensar as repercussões do momento do ciclo vital em que ele foi concebido, pois esse conjunto de heranças contribui para a formação de sua identidade.

Winnicott (2011) defende que para o indivíduo ampliar seus círculos relacionais é essencial a existência dos cuidados parentais. Os pais devem sentir-se responsáveis pelos filhos e apreciarem esta função, dando-lhes proteção e segurança, funcionando como facilitadores da maturidade emocional e promotores de saúde. A princípio, os membros de uma família desempenham papéis pré-

determinados. Os pais ocupam um lugar de poder, cuidado e sustento, e exercem forte influência na formação da identidade de seus filhos. Esses, por sua vez, detêm o lugar da dependência financeira e afetiva.

A criança internaliza, além de um modelo de relacionamento, diversas crenças, representações e percepções que podem ser mantidas ou modificadas através das experiências interpessoais. Se as relações primárias são desenvolvidas em um ambiente seguro e confiável é mais provável que o indivíduo consiga se comunicar, expressar seus sentimentos e formar vínculos autênticos na vida adulta (Guede, Monteiro-Leitner & Machado, 2008). Na descrição do ciclo de vida familiar tradicional, a transição para a adultez é sinalizada pelo afastamento dos filhos em relação à família de origem. Assim, tornar-se adulto implicaria em movimentos, como a saída da casa dos pais, o investimento em um trabalho ou uma formação profissional, a entrada no mercado de trabalho, a independência financeira, a autonomia e, inclusive, a possibilidade de formar seu próprio núcleo familiar (Carter & McGoldrick, 1995).

Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006) ressaltam que o prolongamento da convivência intergeracional na família se justificaria tanto em fatores da esfera familiar privada como da esfera pública contemporânea, traduzida na instabilidade das relações de trabalho e inseguranças, de forma que a família se torna um refúgio diante das incertezas do mundo. No mesmo sentido, Borges e Magalhães (2009) entendem que esse fenômeno emerge como uma possibilidade de composição entre as necessidades dos jovens adultos de buscar autonomia e apoio na transição para a vida adulta. A solução seria, então, tornarem-se adultos na casa dos pais, o que exige negociações constantes sobre as condutas no espaço doméstico, de modo que pais e filhos constroem acordos que sustentem uma relação de igualdade. A permanência junto aos pais impõe que se faça uma articulação entre pertencer à família e não ser englobada por ela (Ramos, 2006).

Simões (2004) afirma que, hoje, os idosos no Brasil têm melhores condições de vida do que os mais jovens, ganhando mais e contribuindo para a renda familiar, quando não são a principal fonte de renda da mesma. Eles possuem casa própria, de forma que uma parcela significativa de filhos mora junto a eles, levando à convivência intergeracional prolongada, à superposição de

papéis e ao apoio mútuo entre as gerações. Com a desafiadora realidade do mercado de trabalho para os mais jovens, os avós – ou pais mais velhos – se tornam um porto seguro.

McCullough e Rutenberg (1995) entendem que os relacionamentos positivos entre pais e filhos adultos estão ligados ao processo gradual de “deixar partir”, que tem início na infância e culmina com a entrada no mercado de trabalho e saída de casa. A separação da família de origem bem sucedida envolve o desenvolvimento de aptidão para o trabalho, planos ou arranjos de vida independente, vínculos de amizade estáveis e relacionamentos íntimos.

As autoras afirmam que essa fase de transição dos filhos para a vida adulta independente, muito conhecida como “ninho vazio”, era considerada uma passagem muito negativa para os cuidadores primários. Ela teria início com a saída do primeiro filho de casa, porém, envolve também diversas tarefas para todo o sistema familiar, relacionadas a mudanças no casamento dos pais, desenvolvimento de relacionamentos adultos entre pais e filhos, inclusão de parentes por afinidade e filhos/netos, resolução de pendências no relacionamento parento-filial com os pais/ avós. Quando os pais dedicam sua vida à criação dos filhos, e esses filhos adultos já não precisam mais dos pais, ou optam por uma vida que diverge do esperado por eles, os pais podem perder conexão com seus descendentes, voltando-se para a geração mais velha, que agora precisa de cuidados.

Quando os estágios anteriores do ciclo vital ocorreram bem, a tendência é que os pais sejam capazes de dar apoio e se interessarem pelas escolhas e novas tarefas dos filhos. Ainda, os padrões familiares multigeracionais a respeito da autonomia autorizada exercem influência nessa fase. Uma forma possível de lidar com as dificuldades de separação pode ser o rompimento físico ou emocional que, a princípio, reveste-se de emancipação, porém é impulsionado pela dependência emocional. Outra possibilidade é a polarização na família por questões financeiras, revelando favorecimentos ou conflitos. A dificuldade na separação também pode se revelar na extrema dependência do apoio familiar, especialmente o financeiro, e na volta para a casa dos pais, depois de já ter sido feito o movimento de saída.

Sobre a família no estágio tardio da vida, Walsh (1995) explica que, de forma estereotipada, os idosos são percebidos como à margem da sociedade, sem família ou em fuga da mesma, sendo seu contato com ela de baixa frequência, obrigatório e conflituoso. O autor diz ainda que, nessa etapa, o bom funcionamento das famílias está relacionado à flexibilidade na sua estrutura, nos papéis e nas respostas às novas necessidades e aos desafios desenvolvimentais.

Brown (1995) entende que a doença grave ou a morte de um membro familiar rompe o equilíbrio desse sistema, que pode ser afetado por vários fatores, entre eles, a história de perdas anteriores, a etapa do ciclo de vida em que ocorre, e a posição e função da pessoa no sistema. Normalmente, quanto mais tarde no ciclo vital ocorre a morte ou doença, menor é o grau de estresse associado, sendo considerada um processo natural. Afinal, aceitar a mortalidade é tarefa desenvolvimental dos idosos. Quando a doença ocorre em outra etapa, é considerada fora da sintonia. Na parentalidade tardia, por mais que os pais sejam idosos, é compreensível a resistência a encarar o envelhecimento e a finitude de seus ancestrais diretos.

Barros (2004) afirma que a velhice é analisada sob a perspectiva da juventude. Sendo assim, é percebida como declínio e é desvalorizada, pois nela já se ultrapassou o auge da produtividade laboral, da capacidade física e psíquica. A autora entende a terceira idade como uma construção da realidade da velhice e do envelhecer, em que há uma progressiva responsabilização dos idosos pelo seu próprio bem-estar, incluindo os cuidados com a saúde física e psíquica.

Na família com jovens adultos dependentes, a maior tarefa do ciclo é tornar-se independente tanto para os pais quanto para os filhos e a doença ou morte impede a conclusão desse processo. De acordo com Bowen (1976), o nível de diferenciação do indivíduo é determinado pelo quanto ele está preso ao processo emocional na família de origem. A reação emocional da família, diante da doença ou morte, ocorre conforme a importância do papel exercido e grau de dependência emocional em relação ao doente.

A respeito da parentalidade tardia, é natural que a angústia de morte esteja presente nos pais, aumentando a permeabilidade dos filhos às ameaças de abandono. Bowlby (1988) relaciona o medo da morte dos pais com o sentimento de vulnerabilidade e ameaça de abandono – angústia de separação. Assim,

temendo a morte dos pais e sentindo-se vulneráveis, poderiam os filhos tardios atribuir um protagonismo à relação de dependência vivida com os pais, não permitindo quaisquer tentativas de afastamento.

Spira e Wall (2006) associam a importância dos avós na vida dos jovens à ameaça e ao medo da morte, que se manifestam, nos mesmos, em forma de ansiedade antecipatória sobre as possíveis perdas futuras. Avaliam, ainda, que os netos podem sentir-se culpados de exercerem a própria liberdade, adiando os seus planos para ter a atenção e os recursos voltados para seus entes queridos. Por outro lado, uma lacuna possível da parentalidade tardia, que contribuiria para a consolidação da angústia de morte nos filhos, seria uma fraca transmissão intergeracional, pela falta de convívio e relações recíprocas com avós.

Drenovsky e Meshyock (2000) pontuam que o medo permanente de perder os pais pode levar os filhos à renúncia dos próprios desejos e projetos, negligenciando sua vida pessoal e social, para não abandonar os pais ou feri-los com essa ideia. Para Eggebeen e Zarit (1995), há um apoio mútuo na relação parento-filial e, à medida que os pais envelhecem, a reciprocidade de apoio vai sendo cada vez menor.

Os filhos da parentalidade tardia convivem com pais mais velhos desde seu nascimento, o que naturalmente traz consequências para as demandas desenvolvimentais de cada fase do ciclo vital. Dessa forma, pode haver uma inversão de papéis, em que os filhos até mesmo antecipem-se ao surgimento de alguma necessidade de seus genitores, com o intuito de protegê-los, empenhando todos seus recursos nessa missão. Boszormenyi-Nagy e Spark (1984) afirmam que a manutenção e o rompimento das fronteiras geracionais existem em um contínuo e algum nível de inversão de papéis é normal e, provavelmente, inevitável. Os autores entendem que a ocasional inversão dos papéis coloca em ação habilidades de socialização e de ensaio de papéis futuros. Ao assumirem o papel parental, em termos de cuidado e funções executivas, de forma apropriada e justa, jovens desenvolvem o senso de responsabilidade, independência, empatia, nutrição afetiva e equilíbrio no dar-e-receber dos relacionamentos, que podem contribuir positivamente para formação identitária e autoestima (Boszormenyi-Nagy & Krasner, 1986).

Por outro lado, Jurkovic (1997) percebe que o comportamento parental pode comprometer o desenvolvimento de crianças e adolescentes, especialmente quando as demandas são confusas, inapropriadas a suas idades, não supervisionadas, cativantes, ou não reconhecidas. O autor percebe ainda que a identificação com o papel de cuidador pode impedir que os filhos experimentem outros papéis na família, e questionar essa posição provoca ansiedade e convoca sentimento de culpa, revelando o funcionamento de um sistema relacional que exige uma lealdade inabalável em detrimento do desenvolvimento individual.

Na categorização de um indivíduo como idoso, deve-se levar em consideração aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e culturais. Comumente, o indivíduo é definido como idoso quando chega aos 60 anos, independentemente de seu estado biológico, psicológico e social. Entretanto, a idade cronológica não configura uma boa medida do desenvolvimento humano, pois o processo de envelhecimento é multidimensional. Zimmerman (2000) explica que envelhecer representa apenas a passagem para uma nova fase do ciclo vital, que deve ser vivida da forma mais positiva, saudável e feliz possível. Como em todas as outras etapas da vida, essa também pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais no indivíduo e é importante que se invista no envelhecer, com promoção de saúde e de qualidade de vida dos idosos. Reconhece, entretanto, que essa poderá ser mais marcante e mais difícil de lidar.

Figueiredo (2007) caracteriza a velhice a partir da mudança e perda de papéis. Muitas são as perdas afetivas: a saída dos filhos de casa (família pós-parental); a aposentadoria; a viuvez; a morte de amigos e outras pessoas queridas, que provocam um profundo sentimento de solidão e desânimo. Assim, o principal desafio do envelhecimento é o confronto com tais perdas, que exige um intenso trabalho, por parte do idoso, de adaptação às novas condições, mantendo a qualidade de vida desejada.

No mesmo sentido, Neto (1999) afirma que a saída do mercado de trabalho, a perda do(a) companheiro(a) e a diminuição de saúde privam as pessoas de muitos papéis e relações essenciais em torno dos quais as suas identidades tinham sido construídas, sendo esses os principais determinantes da solidão nos idosos. A aposentadoria, em especial, corresponde a várias perdas: rendimento, prestígio, sentido de competência e utilidade, além dos contatos sociais, que

podem ter consequências em nível da autoestima e do bem-estar. Perlman e Peplau (1984) percebem três aspectos comuns aos conceitos de solidão na literatura: a solidão é uma experiência subjetiva que pode não estar relacionada ao isolamento objetivo; ela é psicologicamente desagradável e angustiante para o indivíduo; resulta de uma forma de relacionamento deficiente.

As redes sociais e as relações sociais significativas no processo de envelhecimento têm um importante papel na saúde mental dos idosos. Paúl, Fonseca, Martin e Amado (2005), a respeito de idosos portugueses, percebem a “satisfação de vida” e a “qualidade de vida” como conceitos distintos, sendo o primeiro uma variável intrapsíquica relacionada a características de personalidade, e o segundo, referente a variáveis sócio-demográficas, físicas e contextuais. Monteiro e Neto (2008) distinguem a rede social da rede de suporte (ou apoio) social. Enquanto a primeira refere-se aos aspectos quantitativos e estruturais das relações humanas, a segunda diz respeito ao aspecto qualitativo do apoio percebido, incluindo o conteúdo e a avaliação das relações com outras pessoas significativas.

Paúl (2005) explica que as redes sociais mudam com os contextos familiares, de vizinhança, de trabalho, entre outros. A autora afirma que essas redes de apoio informal são fundamentais para assegurar a autonomia, a autoavaliação positiva, uma maior saúde mental e a satisfação de vida, aspectos fundamentais para um envelhecimento ótimo. Ao longo dos anos, os pares morrem e os que sobrevivem ficam com menos amigos, de forma que as redes se reorganizam ou degradam-se. Usualmente, a família é o centro do apoio, mas o seu caráter “não voluntário” parece incompatível com valores, como a autonomia e individualismo, da família contemporânea, que visa à realização pessoal e à privacidade em primeiro lugar.

Bengston e Roberts (1991) apontam seis principais dimensões da solidariedade entre gerações: estrutural; associativa (frequência de contato social e atividades compartilhadas); solidariedade emocional (proximidade emocional e intimidade); solidariedade consensual (acordo de opiniões, valores e estilos de vida); funcional (apoio instrumental e financeiro); e normativa (sentimento de obrigação em relação a outros). A solidariedade entre os irmãos também pode compor uma importante rede de apoio. Sobre a relação de apoio entre irmãos e

seu efeito na adaptação psicológica da passagem para a idade adulta, Milevsky (2005) percebe que o apoio fraterno está associado a níveis mais baixos de depressão e sentimento de solidão, enquanto a autoestima e satisfação se mostram mais elevadas.

Para Losso (2001), a função fraterna é estruturante em uma família. Atua em forma de ajuda recíproca, de colaboração, de assistência em um nível de igualdade, de defesa dos direitos das gerações. Apresenta também possibilidades de identificação, dentro da mesma geração, que os pais não podem oferecer. A fratria possibilita também um contexto para elaboração da angústia, desenvolvimento da criatividade, ensinar e aprender recíprocos e projeção da agressividade.

No mesmo sentido, Goldsmid e Féres-Carneiro (2011) explicam que o relacionamento fraterno desempenha um papel fundamental na determinação das características de identidade e personalidade dos filhos. As autoras afirmam, ainda, que o vínculo entre os irmãos colabora para o equilíbrio familiar nas situações de crise, como separação, doença, morte dos pais, entre outros. Os irmãos podem compartilhar o cuidado dos pais na velhice e, no falecimento deles, as relações fraternas se constituem, frequentemente, nas únicas duradouras.

Assim, a maneira de estabelecer vínculos é transmitida nas relações primárias e a forma como as relações sociais serão vivenciadas na vida adulta são aprendidas desde a infância, com a família de origem, que neste estudo é caracterizada pela parentalidade tardia. Tendo isso em vista, este estudo tem como objetivo investigar a repercussão da parentalidade tardia na vida adulta dos filhos, sob a percepção dos mesmos, conhecendo a dinâmica da relação parento-filial, o processo de saída da casa dos pais, as preocupações que carregam os filhos tardios e o planejamento de futuro dos mesmos.

3.1. Método

Participantes

Participaram deste estudo três homens e três mulheres, entre 25 e 29 anos, sendo dois casados e quatro solteiros, sem filhos, que nasceram quando pelo menos um de seus pais tinha mais de 40 anos.

Procedimentos

A pesquisa foi realizada partir de uma metodologia qualitativa, centrada em entrevista semiestruturada, que contemplou temas relevantes concernentes às vivências e repercussões da parentalidade tardia na vida dos filhos, sob a perspectiva dos mesmos.

As entrevistas foram efetuadas individualmente, em local eleito pelos participantes, e tiveram duração média de cinquenta minutos. Elas foram gravadas, transcritas na íntegra e analisadas pelo método de análise de conteúdo (Bardin, 2011). Dentre suas diferentes formas, elegeu-se a análise categorial ou temática, que consiste em organizar e agrupar as mensagens em categorias, estabelecendo núcleos de sentido, organizados a partir da frequência e da semelhança entre os dados significativos contidos no material coletado, que possibilitaram sua discussão com a literatura sobre o tema.

O projeto que deu origem à pesquisa foi aprovado pela Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, que explica o objetivo da entrevista e seus procedimentos, permitindo a utilização dos dados em pesquisa e publicação.

3.2. Análise e Discussão dos Resultados

Das entrevistas realizadas emergiram várias categorias de análise. Tendo em vista os objetivos deste trabalho, serão apresentadas e discutidas as seguintes categorias: *saída de casa; preocupações filiais e expectativas parentais; e planejamentos futuros*. Para a apresentação dos resultados, os participantes foram nomeados, após as falas, como M (masculino) e F (feminino) e numerados de 1 a 3, tendo suas idades indicadas.

Saída de casa

Todos os sujeitos da pesquisa demonstram dificuldade na saída da casa dos pais, seja por parte deles ou de seus ascendentes. Dois entrevistados contam que ainda residem na casa dos pais, apesar de um deles ter até iniciado o processo de transição e tê-lo interrompido. Afirmam que tal fato é atravessado pelo conforto que essa condição lhes proporciona.

“Até porque o meu salário, eu poderia até sair, só que eu só ia fazer isso, não ia ter dinheiro pra mais nada. E eu me dou super bem com meus pais. Não quero sair para... eu entendo. Muita gente que sair,

até pela autonomia mesmo, mas eu sou muito acomodada. Isso é ruim, mas eu sou. Eu tenho roupa lavada, comida paga... nenhuma pressa. (...) Eu não preciso juntar dinheiro, porque, se meu dinheiro acabar, minha mãe vai me dar, meu pai vai me dar. Isso é uma parte que eu acho ruim. Claro que eu já sou crescida e podia ter mudado de atitude, mas é cômodo.” (F1, 25 anos).

“Tem uns 2 anos que eu tenho vontade de morar sozinho, só que, ao mesmo tempo, eu tenho só que não tenho. Porque assim, eu gosto de movimento, tenho uma amiga que dormiu aqui hoje, a P. que tá aí, meu pai que saiu cedo... tipo eu gosto desse movimento. Hoje estavam contando a história da passadeira, que ela passou mal. Eu gosto desse movimento, acho que isso me mantém bem feliz. Eu quis sair esse ano, só que eu senti que não era para eu sair. Eu ia dividir um apartamento com minha amiga (...) Já tinha até comprado cama e algumas coisas que eu consegui devolver. É uma vontade, só que ao mesmo tempo, no fundo, eu não queria sair de casa. (...) Eu sou mimado, eu sei que se eu sair de casa eu vou ter que fazer todas as coisas que eu não to afim de fazer agora, sabe? Então, acho que sei lá, não é a hora.” (M3, 25 anos).

Os mesmos sujeitos explicam também que essa mudança não era um desejo da família.

“Então, isso foi um caos. Eu ia sair esse ano de casa. Meu irmão já saiu então acaba que para os meus pais fica tudo direcionado a mim, eu tendo ficado. E isso sempre me sufocou um pouco (...) A minha mãe não queria de jeito nenhum que eu saísse. De jeito nenhum. Ela vê todos os defeitos, todos os problemas, tudo! Ela falava ‘mas você vai ter isso?’. Ela não queria, mas ela... ela sabe que o dinheiro é meu, eu faço o que eu quiser.” (M3, 25 anos).

“Nenhuma pressa que eu saia, zero.” (F1, 25 anos).

Apesar de residirem com os pais, os entrevistados estão inseridos no mercado de trabalho e possuem alguma independência financeira. Por outro lado, parecem ter ainda uma dependência emocional e estrutural (apoio) da família, não estando prontos para uma autonomia total, no sentido de arcar com as consequências que a saída de casa traz, como ressaltado por Carter e McGoldrick, (1995) e por Simões (2004).

A escolha de permanecer na casa dos pais não parece interferir no exercício da liberdade desses jovens adultos, indicando uma valorização da igualdade e individualidade dos membros familiares. Ainda, essas falas mostram o acolhimento, por parte dos pais, à necessidade de apoio para uma tranquila transição dos filhos para a fase adulta do ciclo vital, permitindo-lhes tornarem-se adultos na casa da família, o que corrobora resultados dos estudos de Borges e Magalhães (2009) e de Ramos (2006).

Para um dos entrevistados, essa transição se deu em razão de seu casamento, o que tão pouco facilitou, para seus pais, o processo de aceitação da saída do filho.

“Eu acho que o maior marco na relação com meus pais, não sei se é assim com os outros, imagino que sim, foi quando eu casei. Tipo, agora de fato saiu do ninho, voou. (...) Na época da mudança, da transição, quando comecei a procurar apartamento, quando a gente assinou contrato e tal, a gente começou a arrumar as coisas, meu pai falava assim: ‘que absurdo que vocês alugaram um apartamento. O quarto aqui debaixo, o banheiro tá do lado. Eu levanto uma porta aqui e faço uma suíte para vocês. Vocês moram aqui.’ (...) Ele ficou insistindo muito tempo. (...) Colocou uma série de obstáculos (...). Minha mãe, por outro lado, meu pai vinha nessa de ‘vem morar com a gente’, ele não botava dificuldade do tipo fazer terrorismo, era coisa de pai protetor, ‘quero vocês por perto’. Minha mãe, por outro lado, fazia um terrorismo, tocava um pouco mais de terror.” (M1, 26 anos).

Na fala acima, o sujeito atribui essa dificuldade à superproteção e ao receio do “ninho vazio” (McCullough & Rutenber, 1995). O entrevistado relata, a seguir, que tal sentimento perdura e ainda é algo que gera desconforto na relação, o que revela a necessidade de afastamento para se assegurar que não será absorvido pelos anseios e temores familiares (Borges & Magalhães, 2009).

“Toda vez que a L. (esposa) viaja, toda, minha mãe vira e fala assim pra mim ‘você vai dormir aqui hoje?’. Não. ‘Não? Mas eu pensei que você ia’. Por que? ‘Porque a L. tá viajando, você vai ficar sozinho’. Vou, caceta, tenho casa para que?(...) Eu acho que eu fiquei tanto tempo querendo autonomia, tanto tempo querendo liberdade, tanto tempo querendo ter o meu mundo independente deles que eu raramente vou lá. Raramente não, to exagerando, mas não é sempre que vou lá. (...) E com isso ‘eu quero ser independente, quero ser, quero ser’, com isso, hoje, eu quero ter o meu mundo aqui, não vou interagir tanto.” (M1, 26 anos).

A natural necessidade dos filhos adultos de se afastarem dos pais não é sempre bem recebida por esses, favorecendo o surgimento de sentimentos relacionados com a culpa. Dois entrevistados trazem em suas falas exemplos dessa situação.

“Eu sai de casa tem um ano, sai meio sem avisar, pra não enfrentar a possível discussão com meu pai ou minha mãe. Sai meio de ladinho. (...) Eu não avisei a ninguém, mas obviamente foram descobrindo. Passou um, dois meses que eu comecei a arrumar e ‘o que você tá fazendo? não sei o que’. Começaram a me perguntar. Não, um apartamento que vô vê.... Ai meu pai ‘o que você vai fazer lá?’. ‘Ter um apartamento no final de semana, final de semana eu vou lá’. Tudo na cidade do Rio, mas eu fui perguntado. Eu não

avisei o que eu ia fazer. Ai ... no dia que eu de fato fui dormir lá, eu não avisei a ninguém. Então, eu passava toda noite na casa do meu pai para não causar uma ruptura do dia para a noite. (...) ele entendeu. Ficou entendido. O dito e não dito. (...) Meu pai acho que sentiu, porque, bem ou mal, ele chegava todo dia e tinha alguém, apesar da casa grande, tinha o filho dele no quarto, e eu acho que ele deve ter sentido um pouco. Não externou isso, que sentiu. Ele ficou sozinho lá em casa. E minha mãe, como já morava há bastante tempo em SP, acho que ela não sentiu muito, mas foi meio emblemático, porque é um evento emblemático para toda a família, em termos de comportamento.” (M2, 29 anos).

“Uma hora eu não aguentei. Eu fui saindo aos pouquinhos. Eu já tava com o P. (marido) algum tempo, ele me chamou para ir indo para lá. E eu comecei a ir duas vezes por semana. Eu não cheguei efetivamente a me mudar, não, mas já tava três dias na semana no P. e indo pra casa tipo basicamente para ver o meu pai e não deixar ele sozinho. (...) Eu acho que pra ele foi muito ruim. Uma vez, ele não era de falar essas coisas, mas uma vez ele falou pra mim assim: o dia que eu vi você saindo com a sua mala de maquiagem eu entendi que você (risos), eu entendi que você tava mesmo que saindo” (F2, 28 anos).

As falas acima ilustram o que Bowlby (1998) postula a respeito do medo da morte dos pais, por parte dos filhos, e da angústia de separação. No caso da parentalidade tardia, a culpa sentida na saída de casa se fortalece pelo receio de abandonar os pais mais velhos, e a angústia de separação se manifesta em preocupações reais com a saúde e solidão dos pais, revelando uma maior dificuldade em comunicar honestamente sobre seu desejo.

Por fim, a saída de casa de uma entrevistada se deu não por manifestação do seu desejo, mas em função da continuidade dos estudos, e demonstra o desafio que foi realizar essa transição.

“Não é fácil sair de casa, eu saí de casa, morei em república, hoje em dia eu divido apartamento. Eu vejo como é difícil você lidar com o outro, conviver, fazer suas coisas. (...) Eu lembro que no dia (da mudança) eu chorei, chorei, chorei aí meu pai naquele jeitinho dele, chegou, colocou a mão no meu ombro e falou ‘minha filha se você não quiser ir você não precisa ir não, tá?’ (...) eu morava muito perto da faculdade, então eu ia andando e não fazia questão de nada mais. Eu saí, mas fiquei lá. Meus amigos na faculdade falavam ‘porque você volta para lá? É Rio de Janeiro, vamos aproveitar’. E eu ‘gente, aproveitar o que? Saudade da minha mãe, do meu pai, do meu gato’. E aí eu voltava direto. (...) Eu vou de 15 em 15 dias, porque eu não consigo ficar muito tempo longe, não.” (F3, 26 anos).

Apesar da dificuldade encontrada, é também capaz de reconhecer aspectos positivos da mudança no seu relacionamento com a mãe.

“De início foi um baque. Eu vi que minha mãe sentiu um pouco, porque já não tinha eu ali todo dia e meu pai também. Mas eles foram se acostumando fácil, sabe. Eles entendiam que era pro meu bem. Eles sempre priorizaram muito o que fosse melhor para mim e faziam questão de demonstrar isso. Então, quando eu chego sou sempre muito bem recebida. Mas acho que é até bom para a convivência. Mãe, depois de um tempo, rola aqueles atritos, então é bom você sair que fica até melhor a relação.” (F3, 26 anos).

Contudo, revela sentimentos de culpa por não estar mais presente e colaborando com os pais.

“Eu que me sinto no dever de fazer alguma coisa por eles o tempo todo. E, às vezes, fico até mal que eu to aqui e não posso fazer. É até um dos motivos pelo qual eu me aproximei do PR, que é esse meu irmão fora do casamento, porque ele é... vou te falar que ele é o que cuida mais do meu pai, ele cuida muito do meu pai (...) Ai às vezes eu fico pensando ‘poxa, eu to aqui, podia tá fazendo isso’. Acho que era o momento para eu estar fazendo essas coisas, mas eu to longe.” (F3, 26 anos).

No relato da entrevistada, parecem estar presentes o sentimento de vulnerabilidade e as ameaças de abandono, não permitindo que a transição para etapa adulta independente ocorra de forma tranquila. O afastamento imposto pelo investimento na própria formação acadêmica, movimento natural desse momento do ciclo de vida, é vivido com muito sofrimento (Bowlby, 1988; Carter & McGoldrick, 1995). A entrevistada demonstra, ainda, que a sua vida pessoal e social tinham pouca importância diante da perspectiva de estar com os pais, conforme ressaltado por Drenovsky e Meshyock (2000). A fala acima revela também a culpa sentida por não estar exercendo o papel de cuidadora, que a entrevistada acredita ser seu dever de filha (Jurkovic, 1997), e a importância da rede de apoio fraterna para amenizar suas preocupações (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011)

Preocupações filiais e expectativas parentais

Na parentalidade tardia, há um desencontro das etapas do ciclo vital de pais (idosos) e filhos (jovens adultos), no sentido de que não há uma geração intermediária e são os próprios filhos, em processo de saída da casa dos pais, que precisam estar atentos aos idosos. Também, a expectativa parental de extensão da família, como a chegada de netos, pode ser frustrada (McCullough & Rutenber, 1995). Os pais de dois entrevistados já desejam seus netos, mas isso não parece afetar os planos dos filhos.

“E ele fica nessa, já que ele tá vendo que ele já tá mais para frente, ele fica: ‘meus netos hein, meus netos hein, meus netos hein.’ (...) É de vez em quando. Se fosse todo dia eu ia falar: ‘tá de sacanagem? Adota uma criança e trata como um neto. Aí você vai ser avô-pai.’ Mas ele fica nessa de ser pai-avô.” (M1, 26 anos).

“O sonho dele é ser avô e avó. E o meu irmão, a mulher dele não quer ter filhos. Ela é mais velha que eu, não muito mais velha, uns quatro anos. Ela fez 34, ele vai fazer 30. E eu quero ter muitos filhos, ter dinheiro para ter muitos filhos, mas meu namorado a princípio não quer ter filhos, mas isso aí... zero quero agora (...)” (F1, 25 anos).

Nos relatos dos entrevistados, as suas preocupações configuram-se em torno da saúde, solidão, relacionamento dos pais e felicidade dos mesmos. Sobre o último assunto, dois deles manifestam-se.

“Eu sofria com isso, com a infelicidade dele, com a insatisfação, com a permanente grosseria, me afetava muito nesse sentido de ficar com uma relação tão pesada. Eu queria fazer aquilo melhorar, inclusive por mim, inclusive pela minha mãe, inclusive pelos amigos dele.” (F2, 28 anos).

“minha mãe não trabalha, então, eu acho que é importante ela ter uma... algo para se ocupar, acho que minha mãe precisa. E por ela ter essa sensibilidade na vista, na visão, ela não faz muita coisa que exija dela, ela não pratica esporte, porque ela não pode. Ela sempre pintou porcelana, mas aí a visão ficou pior e ela parou de pintar. Então, eu sinto que ela precisa de algo para se ocupar, para se preocupar, nem que seja um negócio. Eu falo ‘mãe, você precisa, que isso te motiva’. Hoje em dia, acho ela mais triste, porque acaba que ela fica sem uma função sabe, se sentir vivo, se sentir útil.” (M3, 25 anos).

O filho relata a preocupação com a “qualidade de vida” diante do contexto da aposentadoria. De fato, a aposentadoria priva os pais de muitos papéis importantes e implica em perda financeira, de prestígio e do sentido de competência e utilidade, além da diminuição da rede social, que afeta a autoestima dos indivíduos e seu sentimento de bem-estar. Já na primeira fala, a preocupação da filha está mais ligada à “satisfação de vida”, variável intrapsíquica influenciada pelas características de personalidade, que refletem na felicidade dos pais como postulado por Neto (1999); e por Paúl, Fonseca, Martin e Amado (2005).

A respeito do relacionamento dos pais, nos dois casos em que eles são divorciados, há ainda uma relação de apoio dos ex-cônjuges. Em uma das falas, persiste a preocupação da filha com os conflitos entre eles. Na outra, ela está ligada aos conflitos pós-divórcio, porém pelo aspecto financeiro.

“Quem vê de fora pensa que eles estão juntos, mas minha mãe sempre faz questão de... ela tem muita mágoa, muito rancor ainda. Assim, minha mãe hoje em dia tá um pouco mais cuidadosa porque meu pai tá mais debilitado, ele tá ... já não tá muito bem de saúde. Então minha mãe meio que cuida um pouco dele, porque meu pai ficou sozinho (...) Eu acho que eles fazem o possível para não me envolver [nos conflitos]. Para que eu não fique muito preocupada, mas eles contam quando... naturalmente, sabe? Ai eu percebo que não tá muito bem, que a coisa não tá boa, ai eu vou e tento intervir.” (F3, 26 anos).

“Ele confia, conversa. Eles têm um carinho mesmo. Um ainda ajuda o outro às vezes. Diria que na família tenho uma preocupação com o que envolve a parte da família brigada. Tem diversas preocupações, ações trocadas, tem um ambiente meio belicoso, então, toda uma preocupação com o patrimônio que a minha mãe ficou depois do divórcio, tem essa preocupação.” (M2, 29 anos).

Nas famílias em que os pais são casados, os filhos demonstram preocupação, não com conflitos, mas com a qualidade do relacionamento parental.

“É, ver se eles vão conseguir se cuidar de fato sozinhos, os dois, e como vai ser a relação deles, porque... enfim, eu não quero ficar me metendo na relação deles dois, o casamento é deles. (...) A diferença de idade dele para minha mãe também me preocupa, às vezes, porque o conflito geracional sempre existiu, mas é o conflito mais o meu pai ficando cabeça dura e minha mãe vai ficando cada vez mais preocupada, meu pai da aquelas patadas, sei lá. Eu fico preocupado com a relação deles, me preocupo deles morando numa casa tão grande, acho que não tem necessidade.” (M1, 26 anos).

“Tinha também a preocupação emocional com ela (mãe), porque eu achava ela muito dependente do meu pai, numa relação, que não é abusiva, mas muito torta e não saía. (...) Minha preocupação com ela era isso, de não ter uma vida própria, sair com as amigas, tinha zero vaidade, ao contrario de mim, que desde pequena colocava brinco e tal, sabe? Ela não tinha um investimento nela própria, quase que nenhum”(F2, 28 anos).

Por parte dos pais, há uma expectativa de colaboração dos filhos para a melhor comunicação na família e com questões mais práticas, como finanças e trabalho.

“(...) Solicitam bastante: ‘fala pro seu pai que..’. A comunicação deles, eles ainda me usam para conversar um com o outro, para perguntar alguma outra coisa.(...) [é uma ajuda] Relacional e na questão do trabalho ainda (...) ficaram algumas rebarbas do trabalho que eles dois não cuidavam, não cuidam mais, então, cuido eu.” (M2, 29 anos).

“Agora de fato eles contam para outras coisas, como por exemplo: ‘vá conversar com seu irmão sobre o futuro dele, porque nós estamos preocupados’. Ou então: ‘meu filho, preciso conversar com você sobre, sei lá, finanças da casa. Quero saber sua opinião

sobre o que eu vou fazer com este dinheiro' (...) Eu sempre procuro atender. Sempre, sempre. Ah não ser que eu ache que seja uma coisa absurda. (...) Eu vou me meter aonde eu acho que eu devo me meter.” (M1, 26 anos).

O olhar atento sobre o relacionamento dos pais não deixa de ser um cuidado a respeito da felicidade dos mesmos. É possível perceber, também, que essa preocupação existe no sentido de os pais poderem ser rede de apoio mútuo, aliviando, talvez, as responsabilidades dos filhos perante a solidão e saúde dos mais velhos. A solidão dos pais é um tema abordado, expressamente, por dois entrevistados, que estabeleceram formas de atenuar a condição solitária de seus pais, sendo um deles divorciado e outro viúvo.

“me preocupo porque meu pai já tem idade, mora sozinho, administra a casa dele, então... o dia a dia dele me preocupa, é um cara mais sozinho, chega numa idade que os amigos dele começam tudo a morrer. Começa a ficar dois velhinhos sozinhos. Minha mãe não, porque ela é mais nova, mas o meu pai sim. (...) Minha mãe sempre foi muito mais agregadora, assim, para encher a casa de pessoas, meu pai mais isolado, mais difícil de relacionamento. (...) a parte do meu pai, com a solidão dele, eu fui bem... eu estabeleci uma regra. Então, tenho uma regra que eu meio que reservei uma refeição por semana para eu visitar. Estabeleci essa regra.” (M2, 29 anos).

“Eu queria que ele tivesse mais amigos, queria que ele tivesse mais vida social, enfim. Mais velha eu fui tentando conversar com ele, dar conselhos nesse sentido, depois que minha mãe morreu também, pra ele se colocar numa vida social, encontrar alguém legal e tal, mas era muito difícil pra ele. (...) Basicamente isso que me mantinha lá alguns dias, minha preocupação de deixar o T. (pai) sozinho. Tanto que quando ele, ele teve algumas namoradas, quando ele tava namorando alguém, eu ficava menos em casa, uma mulher ficava lá, eu me preocupava menos.” (F2, 28 anos).

Sob o viés da expectativa parental, apenas uma entrevistada relata uma cobrança expressa de sua companhia. Outro, porém, reconhece ser a base emocional da mãe, não se permitindo ausentar.

“ele sempre me cobrou muito e uma coisa que ele me via como uma má filha, de fazer pouca companhia, mas eles exigia umas coisas muito doidas e muito unilaterais que me irritavam com o passar do tempo. (...) Fazia até certo ponto, mas para mim era muito difícil me sentir cobrada. Com o passar do tempo, chega, tá demais.” (F2, 28 anos).

“Minha mãe conta muito emocionalmente, qualquer coisa ela chora, ela fala que a gente não apoia ela. Minha mãe é uma novela mexicana. Minha mãe chora, toda semana minha mãe chora, eu vejo minha mãe chorar (...) E meu pai é o contrario. É muito animado, muito feliz, muito agitado. É o contrario, é uma balança.

Minha mãe eu sinto que ela sempre contou muito comigo. (...) Então, assim, sempre, para eles eu sinto que a gente (filhos) é uma base emocional. (...) Sentia, sei lá, que minha mãe precisava de mim, sempre senti isso. Até hoje eu sinto. Sinto que minha mãe precisa de mim. Eu acho que a base da minha mãe é muito eu. Óbvio, meu pai e meu irmão também, mas eu acho que ela sente mais segura, sinto que tem uma energia a mais comigo.” (M3, 25 anos).

A preocupação dos entrevistados e cobranças de seus pais são fundamentadas nas perdas afetivas que, inevitavelmente, assolam os mais velhos, como a saída dos filhos de casa, a aposentadoria, a morte de amigos, que colaboram para o profundo sentimento de solidão e desânimo (Figueiredo, 2007). Assim, os filhos dedicam-se aos pais idosos e criam estratégias para tentar amenizar esses sentimentos, mas esse processo pode esbarrar no exercício da autonomia e nas realizações pessoais, como ressaltado por Paúl (2005). As falas revelam a solidariedade dos filhos para com os pais no sentido estrutural, associativo, emocional e normativo (Bengston & Roberts, 1991).

O processo de envelhecimento é comum a todos os indivíduos e os filhos precisam encarar essa realidade em relação aos seus pais. No caso dos filhos tardios, porém, eles precisam lidar com esse fato mais cedo no seu ciclo vital, o que resulta em preocupações, inclusive de forma antecipada.

“Eu penso de vez em quando que eles vão envelhecer e vai ser foda (...) eu sei que vai cair sobre mim, até porque sempre caiu sabe? Quando minha mãe perdeu a memória, sempre nessas situações era comigo. Meu dindo já faleceu e tinha uns negócios, quando ele teve AVC, umas crises, era sempre comigo. Eu ficava muito tempo só eu e ele. Comigo já aconteceu muita coisa, então eu sinto que vai cair em mim, eu não queria muito, mas...(M3, 25 anos).

“É um conflito de gerações tão grande, pessoas que pensam coisas tão distintas, não só por isso, mas também porque meu pai vai ficando cada vez mais velho, enfim, pessoas mais velhas vão ficando cada vez mais com cabeça dura, e a gente tem que aprender a ter cada vez mais paciente e eu acho que me fez uma pessoa com mais paciência.” (M1, 26 anos).

“Meus irmãos são muito desligados, parece que nega. Um foi morar em Cabo frio, brigou com minha mãe porque não entende o jeito durão dela. Ai a pouco tempo eu tinha que ficar intermediando essa relação: ‘olha só para de brigar com sua mãe que daqui a pouco ela...’. Eu falei mesmo ‘sabe a idade dela? Daqui a pouco ela vai falecer e você vai ficar sem falar com a sua mãe?’.” (F3, 26 anos).

Envelhecer é mais uma passagem de fases do ciclo vital e pode ser vivida de forma positiva, saudável e feliz. As alterações físicas, psicológicas e sociais

são mais difíceis que em outras etapas, sendo natural a preocupação demonstrada pelos filhos tardios. O envelhecimento exige um intenso trabalho, por parte do idoso, para adaptar-se às suas novas condições e manter a qualidade de vida, porém também há uma adaptação necessária por parte dos filhos, que têm a relação de reciprocidade de apoio reduzida (Eggebeen & Zarit, 1995; Figueiredo, 2007; Zimmerman, 2000).

Sobre a saúde dos idosos, mais da metade dos entrevistados demonstra um olhar atento para a questão, com estímulo para que os mais velhos busquem médicos e façam exames regulares.

“Preocupo sim, acho que todo filho deve ter suas preocupações, mas eu acho que meu pai ser muito mais velho é uma preocupação, ele já anda muito esquecido, essas coisas, normal da idade né? (...) O P. (irmão) já veio me dizer, umas duas vezes, ‘acho que nosso pai tá cm Alzheimer, aconteceu isso, isso e isso. Não é só esquecer, aconteceu isso.’ Nem lembro o que foi, mas falei ‘você tá mais perto, acompanha um pouco. Presta atenção e tal. Se mais para frente persistir, a gente leva ele no neuro. Ele querendo ou não, a gente leva de todo o jeito.’ Mas aí parece que ficou tudo bem. Nós conversamos. A gente tá sempre prestando atenção.” (M1, 26 anos).

“Agora, meu pai não vai ao médico há, sei lá, 30 anos, aí a gente ficava ‘pai, vai ao medico, você tem que fazer exame, não custa nada, eu quero ter você até...’ (...) Acho que ele tem preguiça, acho que não deve gostar, ter medo de descobrir alguma coisa. Se não descobrir, não tem, né? Mais ou menos isso.” (F1, 25 anos).

“Meu pai tem essa de não ir a médico. Homem. Minha mãe vai direto, tá sempre se cuidando. E meu pai não. E ele visivelmente é mais debilitado. Acho que por ser muito sensível com a vida, tá demais. eu vejo ate que ele tá meio depressivo, tudo ele chora, só dorme, não sai. Ai P (irmão) tá sempre marcando médico e indo com ele.” (F3, 26 anos).

“Por muito tempo a minha principal preocupação com ela foi o câncer, 7 anos com a doença antes de morrer, durou muito. A partir do momento que ela desenvolveu aquilo, pra mim foi muito assustador a ideia de que um dia eu ia perder ela para aquela doença, claro que essa era a minha maior preocupação (...)” (F2, 28 anos).

Esses relatos corroboram a postulação de Bowen (1976), segundo a qual, a reação emocional da família, diante da doença ou morte, ocorre conforme a importância do papel exercido e grau de dependência emocional em relação ao doente. No contexto da parentalidade tardia, os filhos convivem mais precocemente com a morte, doenças ou outros aspectos típicos do envelhecimento, cercado-se de preocupações de outra etapa do ciclo vital,

tornando-se mais cuidadores e sentindo-se mais responsáveis. A reação emocional da família, diante do declínio de saúde ou morte de um ente querido, ocorre conforme a importância do papel exercido e grau de dependência emocional em relação ao doente.

A preocupação dos filhos tardios com a saúde dos próprios pais implica em grande sofrimento, inclusive por, muitas vezes, ainda estarem no processo de tornar-se independentes (McCullough & Rutenber, 1995). Assim, é natural que o declínio da saúde e o temor da morte dos pais mobilizem fortemente os filhos, que redirecionam suas forças para atender as necessidades dos mais velhos, alterando o estilo de vida e os papéis, que podem ser invertidos, no sentido de os filhos passarem a se sentir cuidadores dos pais, como formulado por Boszormenyi-Nagy e Spark (1984); Drenovsky e Meshyoc (2000); e Spira e Wall (2006).

Nos relatos de duas entrevistadas, em especial, fica evidente os sentimentos de angústia de morte, que as acompanha desde sempre e, em um dos casos, por ser tão ameaçador, é “assunto proibido”, e é negada a possibilidade da morte.

“Eu acho que eu sempre tive medo da morte dos meus pais. (...) Como se os dias estivessem contados, porque observando as diferenças dos pais dos coleguinhas, e dos meus pais, é como se meus pais sempre estivessem a beira da morte. Isso sempre foi uma questão para mim e é até hoje, porque parece que cada vez que você olha isso se torna mais real. Acho que são as mortes de todos os dias, porque acho que acontece uma diferença absurda em muito pouco tempo. O meu pai nos últimos 5 anos ele envelheceu demais. Então, o meu pai hoje não é o mesmo pai de 5 anos atrás e são esses lutos diários que eu tenho que vivenciar, mas isso sempre foi questão para mim, assim, muito medo que meus pais falecessem.” (F3, 26 anos).

“É, eu não gosto nem de pensar. Fico muito mal. Meu terapeuta sempre tenta falar disso e eu não consigo... esse dia não vai chegar. (...) Eu fico muito mal. Ainda mais que eu sou muito ligada no meu pai.” (F1, 25 anos).

A vulnerabilidade sentida, em função da ameaça de abandono, tendo em vista a idade avançada dos pais, fica nítida na fala a seguir:

(...) No sentido de eu estar mais em paz, de eu ter o meu, e não ... sei lá uma fantasia de não me sentir sozinha. De ter a minha família, ter o meu lugar. Porque eu acho que é meio o fluxo das coisas. E parece que por ter os pais mais velhos é como se isso me fosse roubado, como se de repente eu fosse ficar sozinha, sem eu ter construído a minha família, né, antes disso.” (F3, 26 anos).

Por mais que aceitar a própria mortalidade seja tarefa desenvolvimental dos idosos, os filhos tardios deparam-se com uma grande dificuldade de, ainda jovens, precisarem encarar essa possibilidade (Brown, 1995). Desejam apenas a presença dos pais por tempo prolongado e, em especial, nos grandes marcos da vida.

Planejamento de futuro

Apenas uma das entrevistadas é filha única. Outros dois entrevistados têm irmãos de outra geração, apesar disso, um deles, se sente filho único. Assim, nos relatos dos “filhos únicos”, aparece a insatisfação com essa condição, revelando o desejo de que os pais tivessem tido mais de um filho.

“Eu queria muito ter pelo menos dois filhos. Não queria que meu filho fosse filho único, porque eles vão ter um pai mais velho, P. (marido) já tá com a idade que meu pai tinha quando eu nasci, tá com 45, tudo bem, vão ter uma mãe bem mais jovem, mas eu achei muito pesado, especialmente depois que meus pais morreram, ser filha única, passar por isso sozinha. (...) durante a criação, durante a minha vivência, eu sentia falar de ter um irmão para dividir as coisas difíceis, as coisas boas e tal. (...) Preferia ter tido um irmão isso. E eu gosto de pensar que eu vou fazer as coisas que me desagradavam na minha casa da maneira diferente.” (F2, 28 anos).

“O fato de eu não ter tido irmão e sempre ter gostado muito da relação mais próxima que eu tinha de um irmão, hoje, eu gostaria de ter mais de um filho, então... traduzo isso nesse sentimento, uma experiência ruim com a vontade de ter agora, expressa nisso. (...) Não gostaria de ter a família com um filho. Acho que essa convivência faltou, mas também faltou muito porque a primeira família do meu pai nunca foi mesmo uma família de fato, foi uma família meio esporádica, então... é uma coisa que eu não quero cultivar pro meu futuro, pra minha família, pra família da L.. Quero ser muito mais agregador do que meu pai foi, apesar de não ser muito assim, sou bem mais tímido do que agregador, mas ... eu me preocupo.” (M2, 29 anos).

Essas falas reforçam o papel estruturante da fratria na família. Os sujeitos demonstram a falta sentida por não ter irmãos como fonte de ajuda recíproca, de colaboração e de assistência em um nível de igualdade. Irmãos de uma mesma geração representam também possibilidades de identificação, que os pais não podem oferecer. Os entrevistados percebem que a presença da rede fraterna poderia ser positiva tanto para o compartilhamento das “coisas boas da vida” quanto dos cuidados necessários nos momentos difíceis – individuais e familiares,

como o envelhecimento, declínio da saúde, solidão e falecimento (Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011; Losso, 2001).

Apenas um dos sujeitos diz expressamente não querer “repetir” a história dos pais, no sentido de adiar a parentalidade.

“Eu não quero ter filho tarde, porque eu quero curtir mais os meus filhos, quero estar mais disposto para eles. (...) Não quero ter filho com a idade que minha mãe me teve, com 40. Tipo, por mim, eu gostaria muito de ter uma situação financeira, hoje, que me permitisse ter filho hoje (...) por mim daqui a três anos eu teria filho, eu gosto de criança, eu gosto de família, eu gosto de criar.” (M3, 25 anos).

Os planos futuros, do mesmo entrevistado e de outros dois, estão vinculados à importância dada à presença dos pais na vida deles e de seus futuros filhos.

“Eu não vejo a hora de criar minha própria família, da minha mãe ter netos, de cuidar deles, eu sei que minha mãe vai me ajudar muito sabe? E por isso eu tenho uma preocupação, porque eu não quero que ela envelheça logo para ela não perder isso.” (M3, 25 anos).

“Eu sempre pensei muito na vida, assim... eu lembro de jovem, bem adolescentzinha, naquela época de igreja, de pedir muito a deus, ‘poxa, meu deus, só permita que meus pais tenham ido quando eu conseguir construir minha família, quando eu tiver o marido, casar, tiver os meus filhos, a minha casa. (...) Eu queria muito casar logo para poder os meus pais participarem disso. Às vezes eu sinto muito medo. Porque tá tudo muito diferente, né? Não vou me precipitar por causa disso, mas é um medo que me dá assim: quando que eu vou me casar, ter minha casa? Quando que eu vou ter o meu filho para meus pais curtirem o netinho? Parece que é algo que nem vai acontecer, sabe? Às vezes eu tenho esse medo. (...) eu fico preocupada de eles não participarem disso quando chegar minha vez.” (F3, 26 anos).

“Meu sonho é eu casar. Só pelo o fato de eu estar de branco com meu pai do meu lado. Não é nem pela festa em si, adoraria ter. Mas eu e meu pai me entregando para alguém. Não me entregando, mas... de eu estar com meu pai.” (F1, 25 anos).

Os relatos revelam a dependência emocional dos filhos em relação aos pais. Vale lembrar que esses entrevistados ainda não são casados, de forma que a presença dos pais nos rituais de passagem, como o casamento, ganha especial importância, inclusive por ser um momento simbólico de concretização da passagem para vida adulta independente: a separação da família de origem para a construção do seu próprio núcleo familiar. Encarar o envelhecimento, o possível declínio da saúde ou o mesmo o falecimento dos pais pode dificultar e até impedir

que jovens adultos concluem a tarefa desenvolvimental de tornar-se independentes (Carter & McGoldrick, 1995; McCullough & Rutenbergl995).

A idade dos pais influencia os planos de uma entrevistada, em termos de postergação de planos, visando não estar distante dos pais, o que reforça a ideia de que a ameaça de abandono está presente na vida de filhos tardios.

“E até assim quando eu penso em... uma coisa que eu jamais pensava em morar fora do Brasil e eu acho que eu não pensava por isso, porque vinha a cabeça ‘como é que eu vou deixar os meus pais? E se acontece alguma coisa com eles e eu não tô aqui?’. (...) Preciso conviver com os meus pais. Depois eu tenho a minha vida inteira pela frente para pensar aonde eu vou morar, o que eu vou fazer.” (F3, 26 anos).

Fica claro que o medo permanente de perder os pais traz um sentimento de “tempo de convívio roubado”, para além da percepção da necessidade de cuidados, não permitindo quaisquer tentativas de afastamento por parte dos filhos. Os jovens apresentam grande dificuldade em aceitar a (maior) proximidade da morte dos pais mais velhos. Dessa forma, a entrevistada demonstra ser capaz de renunciar aos próprios desejos e projetos de vida para estar mais próxima e disponível para os pais (Drenovsky & Meshyock, 2000).

3.3. Considerações Finais

A parentalidade tardia se faz cada vez mais presente na sociedade contemporânea. A maior parte dos estudos sobre a questão tem como interesse as motivações para o adiamento e os desafios enfrentados pelo casal conjugal na transição tardia para o papel parental.

O presente estudo teve como objetivo investigar a repercussão da parentalidade tardia na vida adulta dos filhos, sob a percepção dos mesmos. Nele, esta questão foi investigada pelo viés da repercussão do desencontro das etapas desenvolvimentais tradicionais na vida dos filhos tardios. Não teve, contudo, foco no fato de os sujeitos serem filhos de pais mais velhos, mas sim no processo de transição para vida adulta, nas preocupações e nos planejamentos de futuro, podendo a questão geracional surgir ou não. Em todas as entrevistas, essa particularidade apareceu, especialmente, nas preocupações dos entrevistados. Vale ressaltar que é possível que os sujeitos estivessem indo ao encontro do que

acreditavam que era esperado deles, haja vista que tinham conhecimento do tema sobre o qual versava a pesquisa.

Os relatos dos entrevistados indicam a dificuldade na transição para a vida adulta independente. Ela fica evidente no processo de saída casa dos pais, na dependência emocional e estrutural, e na responsabilidade sentida com relação à geração mais velha. A inexistência de uma geração outra intermediária concentra as preocupações e os cuidados com o envelhecimento, seja a respeito da saúde, da solidão e da felicidade dos pais, nos jovens adultos. A fratria também se mostrou um aspecto de influência para os sentimentos dos entrevistados. As expectativas parentais giram em torno da colaboração dos filhos para a melhor comunicação na família e com questões mais práticas, como finanças e trabalho. Também por parte dos pais, aparece uma dependência emocional, como necessidade de apoio e companhia frente à solidão sentida ou “ninho vazio”. A etapa do ciclo vital de seus ascendentes repercutiu nos planejamentos futuros do filho, em especial, para a formação de seu próprio núcleo familiar, mas também em termos de adiamento de possíveis afastamentos.

Este estudo se deparou com a dificuldade de encontrar sujeitos com as características estipuladas. Ainda, algumas vezes, os possíveis entrevistados não se sentiam preparados emocionalmente para participar da pesquisa, por estarem enfrentando momentos difíceis, próprios do envelhecimento dos pais. Sendo a parentalidade tardia um fenômeno em crescimento, é provável que, em alguns anos, seja mais fácil encontrar sujeitos para estudos como este, superando essa barreira.

Posteriormente, os resultados do “Questionário sobre a Parentalização”, respondido pelos participantes do presente estudo, serão analisados e relacionados com o conteúdo das entrevistas. Seria uma interessante proposta, realizar um estudo observando possíveis distinções nas famílias em que os pais tardios sejam casados ou separados; em que ambos, pai e mãe, sejam mais velhos ou em que apenas um deles seja. A presença ou ausência de irmãos – da mesma geração ou de gerações distintas – poderia também ser um aspecto para ser estudado no contexto da parentalidade tardia. Por fim, destaca-se que a literatura e as pesquisas sobre o tema, principalmente sob a perspectiva dos filhos, são escassas, sendo

importante realizar novos estudos que explorem diferentes aspectos desse fenômeno.